



INTRODUÇÃO

PARTE I:

QUANDO O TEMPO NÃO EXISTE

TAREK ABI SAMRA, O bastardo

ZENA ALKHALIL, Maya Rose

BANA BAYDUN, Delivery de pizza

NAJWA BARAKAT, Sob a árvore da melancolia

HYAM YARED, A eternidade e a ampulheta

PARTE II:

PANORAMA DA ALMA

LEILA EID, Maças de Beirute

RAWI HAGE, Nação de pássaros

O INCRÍVEL SARDINHA, Dentes Sujos

MAZEN MAARUF, As caixas

BACHIR HILAL, Rompimento

PARTE III:

ESPERANDO POR ONTEM

HALA KAWTHARANI, O fio da vida

MUHAMMAD ABI SAMRA, Sem vestígio em Beirute

ABBAS BAYDUN, A morte de Adel Uliyan

ALAWIYA SOBH, O cheiro da mulher, o cheiro da cidade
MARIE TAWK, Velas no asfalto

INTRODUÇÃO

VIOLÊNCIA DA
SOLIDÃO, VIOLÊNCIA
DA DESORDEN
IMAN HUMAYDAN

B

Beirute é uma cidade de contradições e paradoxos. É uma cidade urbana e rural, de violência e perdão, de lembranças e esquecimento. Beirute é uma cidade de guerra e paz. Esta coleção de contos é parte de um resgate vibrante e vivo de Beirute. *Beirute noir* reencontra a cidade por meio da escrita e das visões literárias de seus autores.

Montar esta coletânea foi um experimento ambicioso para mim; organizá-la, um exercício fascinante e cheio de desafios. Reunir em um livro quinze contos de escritores com pontos de vista tão diferentes sobre Beirute não é fácil em nenhum sentido. Catorze escritores libaneses e um palestino nascido e criado em Beirute contribuíram para o livro que você tem em mãos. Em conjunto, seus contos refletem realidades decadentes e o submundo da cidade. Cada história é apenas uma peça diminuta de um mosaico maior; todas se mesclam aqui para nos oferecer um retrato mais completo da cidade.

São tantos os clichês com os quais nos defrontamos ao examinar Beirute que é difícil não descrevê-la como a cidade que nunca dorme, como o centro da vida e, também, como uma cidade companheira da morte. Embora pareçam contraditórias, as duas últimas descrições estão relacionadas e são indissociáveis. Aqueles de nós que vivem aqui e que conhecem bem a cidade identificam essas caracterizações poderosas que carregamos em nosso imaginário coletivo. Uma vez, em outro lugar, descrevi Beirute como “a cidade que dança sobre suas feridas”.

Sabemos que o Líbano é um país com uma história longa e uma rica diversidade de culturas e tradições religiosas, assim como de

uma fartura de idiomas. Toda escola no Líbano ensina três línguas: árabe, inglês e francês. Não perdi de vista essa ambientação trilingue ao escolher as histórias para este livro.

Nesta coletânea de contos, fica evidente uma atitude geral com relação a Beirute: a cidade é vista de uma posição crítica de dúvida, decepção e desespero. Os contos revelam o vasto labirinto de uma cidade que não se encontra em folhetos turísticos nem em ilustrações nostálgicas totalmente distantes da realidade. Talvez isso não precisasse ser dito numa coletânea de histórias intitulada *Beirute noir*, mas o rótulo “noir” deve ser visto de múltiplos ângulos, uma vez que adquire diferentes formas nos contos, sem dúvida por coincidir com momentos distintos pelos quais Beirute passou.

De alguma maneira, todos os contos estão emoldurados pela guerra civil libanesa, que durou aproximadamente de 1974 a 1990. Aqui, a guerra serve como fronteira entre as lembranças dos autores e as de seus personagens. Com efeito, independentemente de os contos estarem enquadrados em espaços de tempo antes, durante e depois da guerra, todos eles, de algum modo, evocam esse período — mesmo que só para lembrar de outras épocas das quais nada resta.

Alguns contos exploram lembranças de pessoas feridas por Beirute durante a guerra e que ainda não se curaram. Entre esses trabalhos estão: “Sem vestígio em Beirute”, de Muhammad Abi Samra; “Maçãs de Beirute”, de Leila Eid; “Velas no asfalto”, de Marie Tawk; “A morte de Adel Uliyan”, de Abbas Baydun; “Rompimento”, de Bachir Hilal; e “O fio da vida”, de Hala Kawtharani. Outros contos, narrados por vozes novas e frescas, nascidas em meio à violência dessa guerra, esbanjam senso de humor com suas visões obscuras, como: “A eternidade e a ampulheta”, de Hyam Yared; “Sob a árvore da melancolia”, de Najwa Barakat; e “Dentes Sujos”, de um jovem autor que assina sob o pseudônimo O Incrível Sardinha [The Amazin’ Sardine]. Algumas

histórias insinuam as complexidades das questões de classe numa sociedade marcada pela intransigência, como: “O bastardo”, de Tarek Abi Samra, e “As caixas”, de Mazen Maaruf.

Se as histórias podem ser divertidas, a vida dos personagens pode ser instável, e com frequência eles não têm nenhuma confiança no futuro. Ainda assim, rimos sombriamente lendo “Delivery de pizza”, de Bana Baydun — sua melancolia nos leva direto ao limite do que conseguimos achar engraçado. Isso também é verdade em “Nação de pássaros”, de Rawi Hage, bem como nos contos de Hyam Yared e Bachir Hilal. Beirute é assim. Muita dor e muitas vidas perdidas; choramos mesmo quando rimos. Em Beirute, o caos é um estilo de vida.

Mas isso não é tudo que há em Beirute. A cidade ainda está abarrotada, e em movimento; à noite, na verdade, pode até ser turbulenta. Mas essas multidões e a agitação não são as mesmas que ocorrem de dia. As noites de Beirute são diferentes. É como se, na ausência do dia, a cidade se libertasse de seu caráter austero. De alguma maneira, a noite ameniza sua brutalidade e angústia; a cidade pode ser vista em suas luzes refletidas no mar, estendendo-se longamente aos pés das montanhas próximas e em suas paisagens verdadeiramente lindas. As contribuições de Bana Baydun e de Mazen Maaruf oferecem retratos noturnos da cidade por meio da vida de jovens nascidos depois da guerra. Essa é uma Beirute onde se juntam a violência da solidão e a da desordem.

O caos impera aqui — ele é a fonte não só da violência como também da diversidade e do dinamismo de todos os aspectos da cidade. A maioria dos contos desta coletânea confirma isso, mas especialmente os de Rawi Hage, Zena Alkhalil e Alawiya Sobh.

Ainda assim, o tempo é precioso em Beirute. O conto de Hyam Yared, centrado numa ampulheta, é o reflexo do medo que as pessoas têm de que o tempo escorra pelos dedos e se perca, assim como os libaneses perderam quinze anos de sua vida durante a guerra civil.

Pelos olhos da criança morta, a narradora cujo nome dá título à história de Alkhalil, “Maya Rose”, temos um panorama da costa litorânea de Beirute vista de cima do calçadão, próximo ao farol e além. Esse conto, assim como *Beirute noir* inteiro, nos permite um vislumbre das coisas bonitas de Beirute, até mesmo quando ela acorda e dorme em meio à violência e à desordem.

Beirute vive através do tempo sempre oscilando entre a guerra e a paz; momentos como esses deixam o cenário de *Beirute noir* tão exposto quanto a ponta de uma faca.

Iman Humaydan
Beirute, Líbano
Setembro de 2015



PARTE 1: QUANDO O TEMPO NÃO EXISTE

O BASTARDO
TAREK ABI SAMRA
Chiyah

1

Eles nasceram na mesma noite, do mesmo pai, mas de mães diferentes.

Naquele dia, uma confusão incomum no hospital fez com que fossem confundidos um com o outro. Quando o progenitor rabugento dos dois se debruçou para examinar o par de rostos vermelhos e contorcidos, hesitou por um instante — sem dúvida alguma, assemelhavam-se a ele e não às mães. Então, decidindo ao acaso, indicou qual seria o bastardo com um desdenhoso gesto de mão.

Um era a cria de sua esposa, mulher frágil que morrera no parto. O outro era da empregada, uma jovem camponesa bonita e vigorosamente saudável. Graças aos muitos vínculos dele com o Ministério, conseguiu fazer com que as duas crianças fossem reconhecidas como legítimas. Não obstante, em casa, cada uma ocupava a posição que lhe fora designada pelo gesto paterno.

2

Quando crianças, eles se gostavam o suficiente e brincavam juntos com frequência, mas, ao mesmo tempo, tinham ciúme um do outro por motivos completamente opostos.

Desde a mais tenra infância, o assim chamado bastardo estava ciente da total desonra de sua situação; os olhos sorridentes de sua mãe dificilmente compensavam a piedade desdenhosa, misturada a um leve nojo, que ele inspirava em cada olhar, fosse de um amigo ou de um estranho. Ele sentia essa piedade desdenhosa nas

vísceras, como uma cólica abdominal ou uma necessidade urgente de vomitar.

Quanto ao filho dado como legítimo, poderia-se atribuir sua pequena estatura ao fato de que fora completamente achatado pela tirania paterna. Embora o pai não tivesse recebido uma educação formal, o menino estava destinado a se tornar médico — um grande médico. E, de acordo com um magnânimo decreto, ele não só deveria estar sempre perto dos melhores de sua sala como também entre os cinco melhores. Medo e determinação contrabalançavam sua inteligência medíocre, e ele quase sempre conseguia se manter no terceiro ou quarto lugar, ainda que à custa das afrontas mais brutais.

3

Embora fosse rico, o pai residia no agitado bairro de Chiyah, na rua Assaad Alassaad, na cobertura de um prédio do qual era dono. Adjacente ao prédio, uma casinha baixa de dois cômodos excessivamente estreitos — construída às pressas meses antes de ele nascer — servia de alojamento para o bastardo e sua mãe. O bastardo nunca tinha entrado no quarto do meio-irmão. Na verdade, o apartamento inteiro estava fora de seu alcance, pois o pai era incapaz de apoiar qualquer coisa que pudesse unir as duas crianças. O mesmo valia para o filho legítimo: ultrapassar o limite da casinha baixa era absolutamente proibido. A eventualidade de alguma interação dessa criança com sua possível mãe — a empregada que fora a amante — apavorava o pai. Não obstante, nem mesmo as leis do universo foram capazes de impedir que eles matassem o tempo na companhia um do outro. Com frequência, brincavam juntos na terra, depois da casinha baixa.

Atrás da casa do bastardo, havia uma pequena caixa de areia onde eles se encontravam todos os dias — ao alvorecer durante as

férias e à tarde nos dias de aula. O pai mandava o porteiro do prédio trazer o filho legítimo para casa, arrastado pela orelha.

Eles costumavam encher baldes de água para misturar com terra e fazer projéteis de lama para jogar um no outro. Você poderia dizer que os dois se aliviavam de sua vergonha lançando lama na cara do meio-irmão. Na verdade, cada um aspirava ao infortúnio do outro: o menosprezado porque desejava respeito; o escravo, sua liberdade. Uma tarde, quando tinham doze anos e se divertiam espalhando lama ao lado da casa, o assim chamado bastardo disse orgulhosamente ao suposto filho legítimo: “Você não precisa se preocupar com nada; sua vida é muito fácil! Seu futuro está garantido; você tem dinheiro e um pai”.

Magoado, o irmão não soube o que responder e começou a chorar. Por fim, balbuciou entre lágrimas: “Mas pelo menos você pode brincar quando quer. E você também tem uma mãe”.

4

O bastardo desfrutava de uma popularidade sem precedentes na escola... na escola deles. Sua feiura — diferente da do irmão — não o impedia de ser popular com as colegas: sempre que ele aparecia, era como se os clitóris delas se transformassem em garras e rasgassem suas carnes perversamente. Quando ele concluiu o bacharelado, já tinha desvirginado uma dúzia delas — o outro ainda não passava de um virgem.

Um, de acordo com o plano, ingressou na escola de Medicina. O outro deixou a casinha baixa meses antes da morte da mãe, foi contratado como garçom e começou a estudar Direito. Eles não se viram durante três anos.

5

A epidemia comunista era palpável no ar; de um dia para outro, intoxicou um número expressivo de cérebros de estudantes.

Toda tarde, o bar local se transformava em um fórum de debates políticos acalorados. Em determinada sexta-feira, as controvérsias se tornaram tão ferozes que as pessoas chegaram a trocar socos, atiraram copos, deram garrafadas e cadeiradas. Depois que o dono conseguiu expulsar a multidão estrondosa, bêbados de álcool e de ideias, dois jovens se reconheceram no escuro do lado de fora. Eles caminhavam sozinhos, em lados opostos da rua larga, trilhando percursos paralelos com seus passos. Estava escuro, mas alguns feixes fracos de luz da lua perfuraram sorrateiramente as nuvens densas, e então duas sombras gigantes, finas e infinitamente alongadas se desenharam em diagonal atrás das costas de cada um deles. Eles fingiram não notar um ao outro, mas de quando em quando lançavam-se olhadelas furtivas.

Essa farsa já durava havia um bom tempo, quando o bastardo teve uma ideia e parou de repente. Então atravessou a rua. Vendo-o se aproximar, o outro, paralisado, mordeu o lábio inferior e o encarou nervoso: esperanças indizíveis se agitaram em seu coração e, ainda assim, deixaram-no com a vaga sensação de um desfecho trágico. Quando ficaram cara a cara, o bastardo — esboçando um sorriso meio irônico — exclamou, afetando surpresa: “Mas alguém poderia dizer que este é meu irmão!”.

“Ou talvez seu meio-irmão”, o outro o corrigiu na hora. Ainda assim, achou impossível se afastar fisicamente, mas acreditou que a extrema precisão de seu comentário poderia ao menos estabelecer certa distância em seu parentesco.

“Tanto faz”, disse o bastardo, calmo e condescendente, aproveitando-se instintivamente da atitude fútil do irmão. Recorrendo a sua velha e favorita provocação dos tempos de

criança, a qual, apesar da brevidade, lembrava ao outro o tamanho de sua sujeição, disse: “Então, *doutor*, como o senhor está hoje?”. Depois de um instante de desconforto mútuo, acrescentou depressa, para pôr fim ao breve silêncio: “Vamos andar um pouco”.

O sol já havia raiado e os dois irmãos ainda caminhavam. Tinham conversado fervorosamente a noite inteira. Depois que se separaram, cada um em sua cama, lutando para dormir, tentaram reprimir em vão alguns trechos da longa conversa noturna.

Em sua cabeça, o filho legítimo repassava a discussão deles sobre comunismo, que o fascinara infinitamente. O assunto o interessara um pouco no ano anterior, mas até aquele momento ele se contentara em simplesmente dedicar-lhe uma atenção moderada, sem se deixar levar pela agitação geral que aos poucos ganhara espaço nas universidades. Mas umas poucas horas tinham sido suficientes para que a eloquência de seu irmão simplesmente o inflamasse. Ele foi tomado por uma admiração ilimitada pelo povo, e dali em diante se considerou um apoiador devoto da causa. Pela primeira vez em sua vida, a liberdade que tanto cobiçava, mas raras vezes experimentara, se materializou; tomou forma, quase em carne e osso. Estava possuído por um prazer sem precedentes, mas logo se viu tombando diante de um terror que o agarrou pelo pescoço e o estrangulou.

Ideias sobre a mesma conversa, mas de conteúdo totalmente diferente, corriam pela cabeça do bastardo enquanto estava na cama, olhando para o teto. O entusiasmo que tão bem soubera injetar em seu irmão havia lhe mostrado com clareza a verdadeira extensão de sua capacidade. De fato, tendo uma mente superior, bem como uma personalidade muito independente e insequente em excesso, ele nunca perdera a chance de exercer certa influência sobre aquele ser submisso. Ao mesmo tempo, seu irmão não podia resistir à absoluta dominação da qual o bastardo agora se sabia capaz; ele roubaria do pai aquele filho. A primeira coisa que pretendia fazer era voltar para sua antiga casa.

6

O pai tinha vendido o prédio da rua Assaad Alassaad dois anos antes, e o novo proprietário, com a intenção de construir ali um edifício bem maior, planejava demolir tanto o prédio como a casinha baixa que servira de alojamento ao assim chamado bastardo. No entanto, o deflagrar da guerra civil adiará o projeto.

Foi a inevitabilidade dessa destruição que motivou o bastardo a alugar sua velha casa três anos depois de ter saído de lá, quando a mãe morreu e ele foi para a universidade. Queria relembrar fragmentos de seu passado, embora não soubesse exatamente quais.

Tal e qual um velho cujas feições ainda reconhecíveis foram devastadas pela passagem do tempo, quando seus pés pisaram a rua Assaad Alassaad pela primeira vez depois daqueles anos de ausência, ela ainda lhe parecia familiar. Ao mesmo tempo, estava tão desfigurada pela guerra que ele sentiu uma vaga, mas intensa, pena de tudo ali — prédios perfurados por metralhadoras, alguns dos quais tinham perdido pedaços de parede e até fachadas inteiras depois dos bombardeios; o asfalto rachado e cheio de buracos; as calçadas, destroçadas, tinham quase desaparecido; carros queimados, milicianos entediados fumando sob o peso de suas Kalashnikovs.

Ele encontrou a velha mobília da pequena casa bem preservada, mas estava desbotada e fedida a umidade. Mudou-se logo, limpou um pouco, mas não alterou nada, nem mesmo a mobília.

7

Mais um encontro aconteceu, outros se seguiram, e então chegou o tempo em que os dois meios-irmãos mal faziam qualquer coisa um sem o outro. Não obstante, uma vaga hesitação impedia o filho legítimo de visitar a casa do bastardo; ele imaginava que uma espécie de maldição pairava sobre a rua Assaad Alassaad.

Durante todo esse tempo, a influência do bastardo aumentava sobre o irmão, que a recebia como um afeto sincero: ele lhe deu aulas sobre marxismo-leninismo, incentivou-o a se filiar ao partido comunista, apresentou-o a seu círculo de amigos — tudo isso sem que nada chamasse a atenção do pai.

Ainda assim, foi a questão das mulheres que finalmente selou a dependência do filho legítimo. Um dia, andando rápido em direção à rua Assaad Alassaad pela primeira vez em anos, ele olhou ansioso para um pedaço de papel que segurava na mão suada no qual havia rabiscado algumas anotações apressadas na noite anterior. Um certo favor que queria pedir ao bastardo o pusera em um estado de ansiedade extrema nas últimas semanas. Toda vez que se encontravam, hesitava assim que pensava naquilo; suas ideias ficavam turvas e ele não conseguia dizer uma palavra sequer. Torturava seu cérebro em busca das palavras exatas que queria usar; então, quando enfim as encontrava, registrava-as de imediato em um papel. Sua memória — boa, desenvolvida graças à retenção árdua do bárbaro vocabulário médico — preservava-as como eram, mas agora, enquanto caminhava, dúvidas o invadiam, dando-lhe a sensação de que havia se esquecido de alguma coisa. Entretanto, toda vez que olhava o papel, sua escrita refletia o mesmo texto que sua mente vinha repetindo incessantemente para ele.

Obcecado por esses ensaios mentais exaustivos, só percebeu que chegara à rua em que tinha passado a infância e a adolescência no exato momento em que se viu em frente à casa do irmão. Então, a angústia de esquecer seu discurso decorado deu lugar à ansiedade de recordar o passado. Por essa razão, até agora, evitara ir à casa do irmão — para não ceder à tentação de se lembrar de algum segredo horrível ou, talvez, até de descobrir algum. Mas, como

havia entendido que, afinal, só poderia pedir o favor que tanto desejava se os dois se encontrassem em um lugar completamente afastado do resto do mundo — e não na rua, nem num café ou num bar, os únicos locais em que se encontravam —, resignou-se a visitar seu antigo bairro.

Deu uma olhadela ao redor; o estado de semirruína da rua Assaad Alassaad não lhe despertou nenhuma emoção. Tocou a campainha, entrou na casa e, quando o momento chegou, sua memória o traiu. Entretanto, tendo percebido muito antes o que estava acontecendo, seu irmão disse de repente: “Você quer comer alguém, certo?”.

Ao notar que ele estava perplexo, e corado inteiro até o topo da cabeça, o irmão continuou com um sorriso caloroso e protetor: “Não se preocupe, podemos arranjar tudo”.

Depois, com uma voz vacilante e quase inaudível — como se quisesse se esconder em algum lugar e nunca mais falar —, o filho legítimo gaguejou: “Você deveria... você deveria... você deveria... Não seria melhor você ir comigo... ao bordel?”.

O outro tentou se conter, mas era pedir demais, aquele virgem envergonhado e assustado era irresistivelmente cômico. Então, irrompeu em uma risada alta e zombeteira. Depois, um pouco mais calmo, disse: “Um bordel...? Não, não, não, isso está totalmente fora de cogitação; você vai arrumar uma mulher, uma mulher de verdade, não uma puta!”.

Mulheres eram o que o bastardo especialmente gostava, e o que ele acima de tudo desprezava. Ele as pegava em qualquer lugar: nas ruas, nos bares e na universidade. Em mais do que algumas ele inspirava intensa repulsa, embora seu sucesso fosse, de longe, mais frequente; ele as tratava muito mal; elas sofriam, mas tinham muito prazer com ele. Havia uma que lhe entregava em casa anotações das aulas a que ele não comparecia, mas nas quais sempre conseguia a nota mais alta; outra que, sempre que passavam a noite juntos, calçava o sapato e a meia dele pela manhã; uma terceira que ele fazia chorar com frequência; uma

quarta que insultava; uma quinta em quem batia; e, por fim, uma sexta que ele controlava a seu bel-prazer. Portanto, foi essa que ele passou para o irmão.

Dias depois, mal conseguindo ficar de pé e também incapaz de permanecer sentado, o filho legítimo andava pela casa do irmão, tropeçando na mobília. Não conseguia ouvir nada exceto as batidas de seu coração. Gotas grandes de suor acumulavam-se na armação de seus óculos, pingando sobre as lentes. Ele os tirou para secá-los com a manga da camisa. Observou seu rosto em um pequeno espelho pendurado na parede: achou-se mais feio do que nunca. Sentado na cama, fumando um cigarro, o bastardo o seguia com os olhos e sacudia a cabeça com dó e menosprezo. “Se acalme, vai dar tudo certo”, ele repetia de tempo em tempo. Então, ouviram a campainha.

É *ela*, o irmão pensou, horrorizado, e correu para o banheiro.

Até em seu esconderijo, sons indistintos, passos e risos abafados o alcançavam. Não conseguia entender nada; via tudo dobrado, teve tontura e se sentou no chão. A comida subiu pelo esôfago; com dificuldade, engoliu-a de volta com saliva. Não conseguia parar de regurgitar seu vômito rebelde, que algumas vezes enchia sua boca toda. Incapaz de resistir mais, enfiou a cabeça no vaso sanitário e deixou-o sair. Seu irmão, o bastardo, que tivera diarreia durante uma semana, havia se esquecido de dar descarga no vaso naquele dia: um jato de caldo semidigerido de molho de tomate voou para a maré de excremento corredio e pastoso, e respingos de merda o atingiram direto no rosto. Ele vomitou de novo... Depois alguém bateu na porta e o chamou, mas ele não teve forças para responder.

Após lavar o rosto, ele finalmente pensou em sair do banheiro, mas na hora se lembrou de que, do lado de fora, *ela* esperava para trepar com ele... Como diabos ia ter uma ereção? Ela decerto não seria capaz de ajudar e daria risada quando visse seu pênis flácido. Melhor fugir... impossível... ficar no banheiro... impossível... morrer... mas como, estúpido... então o quê? Ele não pôde fazer

nada a não ser se preparar mais uma vez para sair — como quando um homem desesperado se joga da janela de um prédio em chamas e espera voar ou ser amparado pela mão de Deus. Ele empurrou a porta e se arriscou a sair.

A lembrança de ter perdido a virgindade naquela casinha baixa da rua Assaad Alassaad voltou para assombrá-lo quando velho — nesse período tardio de sua vida, às vezes até parecia que ele fora deflorado pelo meio-irmão, o bastardo.

Este conseguiu outras mulheres para ele — não muitas, mas o suficiente para acorrentá-lo.



Apesar de o filho legítimo agora trepar regularmente, ele queria se apaixonar. Entretanto, não poderia se apaixonar por uma das oferendas do irmão — aquelas mulheres pareciam maculadas demais. Assim, resolveu achar alguém por si mesmo; fez uma pesquisa bem discreta, mas em vão. Aconteceu de ele notar por acaso, na primeira manhã depois das férias de verão, uma nova aluna na sala. Por um momento, pensou em ir se sentar com ela, mas as cascatas de suor que verteu diante dessa ideia o fizeram desistir rapidamente do plano. Durante todo o primeiro semestre, ele se contentou em observá-la de longe. Por fim, ousou falar com ela; depois que disse “olá”, ela respondeu também com um “olá”. Possuído por uma agitação amorosa, repetiu o mesmo movimento todas as manhãs, mas, passado um mês e meio, entendeu que deveria tentar outra coisa; então, conseguiu que dissessem um ao outro o primeiro nome, e foi tudo. Desesperado, confidenciou seu amor ao irmão; o bastardo então conheceu a origem de seu tormento.

De fato, nos últimos meses, o filho legítimo havia esfriado com ele de alguma maneira. Desamparado, o bastardo pôde apenas assistir à emancipação gradual de seu escravo. Permitiu-se ser muito mais camarada com ele, elogiá-lo diante de seus amigos comuns, oferecer-lhe mais mulheres, porém o outro — preocupado que estava com seu segredo — mal notou essas coisas. Para sua grande surpresa, o bastardo se sentia totalmente impotente e, às vezes, acordava no meio da noite com uma fúria terrível, que só conseguia acalmar batendo a cabeça na parede. Por que aquilo era tão importante para ele? Essa era a pergunta que não parava de torturá-lo e à qual não conseguia sequer começar a responder. Tendo tentado de tudo, resignou-se e caiu em uma de suas melancolias profundas, tão singularmente ridícula, e tão óbvia para ele naquelas circunstâncias, que ela se tornava ainda mais insuportável. Pensava em suicídio com frequência, até que seu irmão foi até ele para confessar sua paixão e lhe pedir conselhos.

Mantendo um autocontrole perfeito e sem mostrar nenhum fragmento da raiva que o devorava por dentro, o bastardo escutou tudo até o fim, com calma. Então, depois de um breve momento de silêncio, disse, esforçando-se para fazer soar do jeito mais desapegado e indiferente possível: “Não se iluda; ela é uma vadia como todas as outras”.

Ultrapassado por tais palavras, o outro contestou com uma ingenuidade tocante e afirmou que ela era tão pura e casta quanto alguém pode ser.

“Virgem ou não, aposto que eu conseguiria comê-la de um dia para outro!”, lançou o bastardo com crueldade.

“Não, não!”, gritou o outro antes de sair num impulso, batendo a porta com violência.

9

A ideia de trepar com ela se apossou completamente do bastardo, de tal forma que botá-la em prática se tornou o tema central de seus sonhos, tanto acordado como quando dormia. Seria simples vingança ou, em vez disso, a esperança de recuperar sua dominação? Ele mal se deu a chance de escolher uma das alternativas, mas, ao ver que a ideia persistia depois de uma semana, tomou a firme decisão de colocar seu plano em prática. Primeiro, dedicou-se à tediosa e demorada especulação de como poderia descobrir a identidade da moça — algo que parecia difícil, uma vez que o irmão, de natureza excessivamente tímida e discreta, não era do tipo que deixava transparecer suas inclinações íntimas, mesmo para um olhar experiente como o dele. No fim do dia, a espionagem básica e desumana, processo que ele abominava, provaria ser o único recurso possível.

Assim, viu-se no aguardo diligente de qualquer movimento incomum do irmão — esporádicos demais para servir de alguma coisa —, espiando através das janelas das salas de aula, até por fim localizar seu alvo. Sem dúvida, o irmão tinha um gosto refinado: ela era de uma beleza indescritível. Entretanto, a esperança dele por qualquer contato mínimo com ela seria nada menos que a prova incontroversa de sua total inexperiência no mundo. Precisava comê-la, profaná-la: seria o único remédio que recuperaria seu irmão.

Certa tarde, vestindo a cara de sedutor que muito bem lhe servia, ele aguardou encostado em uma parede do corredor que ela costumava atravessar ao sair da aula. Vendo-a à distância, fingiu que olhava para outra direção e, depois de ela passar por ele e estar vários passos à sua frente, alcançou-a com um salto e sussurrou em seu ouvido palavras que fizeram o sangue dela subir pelo rosto e extraíram de seus lábios um sorriso quase

imperceptível. Ela passou aquela noite com ele, embora tivesse relutado contra a ideia de dormir naquela casinha baixa da rua Assaad Alassaad.

No dia seguinte, o bastardo contou tudo ao irmão nos mínimos detalhes. O filho legítimo tentou socá-lo na mandíbula, mas conseguiu apenas ir parar numa cama de hospital por duas semanas.

10

Com o nariz quebrado, a cara inchada e uma pequena fratura no crânio, ele estava extremamente ansioso, esperando seu pai chegar da vila. O que ele diria? Como explicaria seu relacionamento com o irmão? Nunca houvera uma proibição explícita, mas várias pistas já tinham feito ele se dar conta de que o pai achava repugnante qualquer envolvimento entre ele e o bastardo. De fato, não estava enganado: tão logo o pai ouviu-o dizer o nome do filho supostamente ilegítimo, quase estendeu em algumas semanas a permanência do filho no hospital, mas, no fim, conseguiu se controlar.

Aqui, alguns esclarecimentos são essenciais: o velho septuagenário era uma espécie de líder de uma família provinciana antiga e poderosa que ainda mantinha certas leis tribais de seus antepassados. Sem alongar demais os detalhes, basta dizer que essa família — composta de vários ramos — subjugava todas as demais famílias da vila há séculos, e vivia de acordo com um estrito código de honra. As mudanças moldadas pelas transformações sociais radicais da era mais recente haviam privado a família de quase todos os seus privilégios, embora isso apenas significasse o aumento do compromisso com o código de honra, elevando-o ao nível do fanatismo. Assim, nosso patriarca compensava o declínio de seu poder externo com tirania dentro de casa; ele literalmente

detinha o poder de vida e de morte sobre seu clã de duzentos e tantos membros. Não tinha sido por iniciativa própria que o bastardo rompera com a família; ele havia sido forçado a isso por um decreto de seu pai, cuja autoridade ele danificara séria e continuamente. Tal banimento — que muitos consideraram uma punição generosa demais — o situara muito bem: sua família o desprezava e ele a detestava de forma tão intensa que não esperava dinheiro, nem ajuda, nem nada mais. Entretanto, havia certa amargura alojada em sua garganta, lembrando-o de humilhações passadas e de que ele ainda tinha contas a acertar. O encontro fortuito com o irmão ao sair do bar foi, pode-se dizer, uma chance maravilhosa, à qual ele não podia deixar de se agarrar ferozmente com as garras estendidas.

O velho se conteve de quebrar sua grande bengala nodosa na cabeça do filho legítimo e se contentou em lançar-lhe olhares extremamente irados, enquanto girava os dedos em volta do bigode, sob o qual congelara um sorrisinho terrível. O pobre jovem, deitado na cama e sufocado de terror, procurou em vão um ponto na parede onde pudesse fixar os olhos, de modo a fugir do olhar do pai. Por fim, depois de se erguer com dificuldade da poltrona em que estava e se dirigir para a porta, o velho, com um tom que, embora calmo, penetrou profundamente nos vãos da alma do filho, frustrando toda reação, dirigiu-lhe estas palavras: “Você *nunca* mais o verá!”.

11

Ao ouvir batidas à sua porta, o bastardo reconheceu, na hora, a bengala do pai. Mais irritado do que surpreso — ele já esperava por aquilo —, esmagou o cigarro no cinzeiro enquanto acendia outro e se levantava para abrir a porta; no dia seguinte, já estava fora do país.

Durante esse breve encontro, o velho propôs as seguintes alternativas: ou viver um inferno, ou sair do país para sempre com certa quantia de dinheiro. Se a expressão “viver um inferno” não veio acompanhada de um esclarecimento, foi pelo simples fato de que não era necessário: o bastardo sabia muito bem do que seu pai era capaz.

12

Ele gostou da Europa assim que chegou. Porém, meses depois, um sentimento estranho começou a atormentá-lo. O que, a princípio, foi uma mera e vaga sensação de haver perdido algo indefinido se transformou, rapidamente, em uma raiva sem razão. Sua amargura se aprofundou e ele começou a beber muito, com uma sede insaciável. Um sonho recorrente — no qual se via suando em bicas diante do sorrisinho do pai — foi o que o levou, por fim, a decidir pisar de novo no solo de sua terra natal e alugar sua casinha baixa outra vez.

Não demorou nada para que o velho soubesse do regresso de seu filho e lhe enviasse ameaças por mensageiros. Como elas não surtiram efeito, ele recorreu a uma abordagem muito mais eficiente: um bando de cinco homens armados com porretes para espancar o bastardo. Algumas pessoas da vizinhança o encontraram quase morto em um canto escuro da rua Assaad Alassaad. Sua permanência no hospital foi muito mais longa que a de seu irmão dois anos antes. Ele saiu do hospital mancando, inválido para o resto da vida.

13

Meses se passaram.

Uma tarde, depois que o velho saiu do quarto do filho legítimo, este, ali sozinho, viu-se enfeitiçado pela arma que o pai deixara sobre a cama. Fitou-a com ardor e voracidade — mas de longe, muito longe, como se assim evitasse uma tentação sombria que seria irresistível caso desse mais um passo. E aquelas palavras terríveis ainda pareciam ecoar em seu quarto: *Mate-o... Prove que não devo me arrepender da minha escolha!*

Depois de algum tempo, ousou dar o primeiro passo, e o segundo, e o terceiro, e então outro, até por fim se ver bem ao lado da cama com a cabeça ligeiramente inclinada sobre a arma. Quis pegá-la, mas apenas simulou o gesto e começou a contemplá-la de novo, a ansiedade levemente contida, a cabeça vazia de qualquer ideia. Aos poucos, sentiu-se tomado por pensamentos entorpecidos, dirigidos tão somente à arma.

De repente, o fato de seu irmão ter nascido no mesmo dia que ele — e quase na mesma hora — lhe pareceu tão estranho que ficou surpreso de nunca ter considerado isso. E também havia o segredo que ele acabara de descobrir sobre um nascimento ilegítimo — que fora atribuído ao outro por um gesto aleatório —, o que havia exposto a natureza incerta de seu próprio destino e, dessa forma, seu absurdo. Tudo isso fez com que ele se contorcesse em um tremor de nojo e horror, enquanto pensava nos cinquenta por cento de possibilidade de que ele mesmo fosse o bastardo.

Ideias contraditórias passavam por sua cabeça. Como se para interrompê-las, pegou a arma, enfiou o cano na boca, segurando-o com força entre os dentes e sentindo seu gosto: desagradável, frio, metálico. Sobressaltos de terror misturados com um leve prazer percorriam seu corpo toda vez que ele acariciava o gatilho. Finalmente se decidiu e fechou os olhos. Mas, no escuro, pequenas

faíscas formaram uma única imagem em suas pálpebras — primeiro turva e, pouco a pouco, mais clara. Um rosto — talvez o de seu irmão, sim! Com certeza era o rosto de seu irmão, que como sempre ostentava uma pose majestosa e desdenhosa, um amplo sorriso irônico, orgulhoso e intimidante. A raiva o fez morder o cano com tanta força que ele quebrou um dente. Quis atirar, mas, assim que abriu os olhos, a imagem se dissipou como um sonho.

14

O desgaste de meses de insônia criara no bastardo o hábito de sair mancando pela rua Assaad Alassaad e pelas redondezas uma hora antes da alvorada. As ruas sujas acentuavam a escuridão de suas ideias obscuras. Entretanto, suas rumações logo tomaram outra direção: pensou em seu pai novamente, no último encontro que tiveram, na enorme ofensa pública que havia cometido e na possibilidade de que o homem tomasse alguma atitude contra o filho... Mas que atitude ele tomaria, esse pai?, ele se perguntava, andando por sua rua favorita, a mais imunda do bairro. Essa viela comprida, estreita e cheia de barro, que se estendia diante dele, onde somente uma tribo de ratos decidira morar, que exalava um fedor intenso e decrépito de esgoto que se espalhava aqui e ali em poças escuras, serpenteando tortuosamente entre todo tipo de lixo, comida podre cercada de moscas, cadáveres de cães e gatos devorados por vermes, carcaças carbonizadas de carros, prédios desfigurados e despedaçados, e outros detritos que haviam se tornado irreconhecíveis com o tempo. Ele apreciava essa viela. Nutria uma compaixão suave por ela; tudo aquilo lhe parecia um reflexo perfeito de sua alma. Nunca havia sentido nenhuma forma de simpatia antes — nem por um ser humano nem por um animal; não se lembrava de isso ter acontecido em nenhum momento de sua vida.

Os fatores que o levaram a dar um tapa na cara do pai, em frente à família inteira na reunião da semana anterior, ainda lhe eram obscuros. Ele tinha ido lá por vingança, um desejo antigo de humilhar — pelo menos foi o que pensou antes do incidente. Mas sentiu uma coisa estranha ao ver o pai tombar no chão com o forte impacto do tapa; foi algo sombrio — acalentador e aterrorizante ao mesmo tempo — que, ao ser decifrado, revelaria seu próprio destino. Quando tentava reviver essa sensação estranha, não era inteiramente bem-sucedido. Olhando à direita, notou um cão que apodrecia com a barriga aberta, *de onde avançavam batalhões sombrios/ de larvas que fluíam como um líquido espesso.**

O pensamento *Ele vai dar um jeito de me matar* lhe ocorreu como uma agradável revelação. *Ele nunca vai perdoar ou esquecer. Mesmo que ele queira, sua posição no alto da hierarquia familiar vai impedi-lo. Ele tem que fazer de mim um exemplo — para preservar sua honra, o sangue deve correr.*

E assim ele entendeu o que, em segredo, havia motivado seu tapa.

Continuou andando tranquilo pela viela imunda, até que sentiu algo duro pressionar sua coluna e subir-lhe pelas costas, tocando sua nuca e parando bem na base de seu crânio. Seu destino havia sido selado, agora ele sabia; apenas ainda não estava totalmente preparado para a iminência daquele resultado aguardado em segredo. Ainda assim, seus membros tremeram, ele suou como um porco, seu terror era atroz e indescritível. Tinha esperado tudo, menos aquilo: em vez de se conformar e manter-se impassível diante da morte, como sempre gostara de imaginar que faria, sentiu o calor da urina escorrer entre suas coxas. “Como cães”, balbuciou em um momento de lucidez, “nós morremos como cães!”

Do fundo de seu desespero, um som ofegante o alcançou, o som de alguém sem ar. Achou que fosse ele mesmo e seu próprio medo. Mas não, era o outro. Ele se virou bruscamente, mas demorou alguns segundos para reconhecer seu irmão. Ele parecia tão assustado quanto o bastardo, pálido como um cadáver, mal

conseguia respirar, embora, estranhamente, não tremesse. Ao perceber que seria abatido por um ser tão desprezível e covarde, uma raiva selvagem o invadiu. Quis pular sobre o irmão, morder seu pescoço, arrancar suas veias, beber seu sangue e nadar nele. Mas era tarde demais. Uma bala já lhe atravessara o crânio.

* *Conto escrito originalmente em francês.*

* Charles Baudelaire, *As flores do mal*, “Uma carniça”.

MAYA ROSE

ZENA ALKHALIL

Ain Almiresse

A

cordei insegura. Sabia que tinha sentido alguma coisa. Considerável. Mas não tinha muita certeza. Enquanto eu me espremia para fora, por entre as pernas da minha mãe, eu já sabia que era hora de estar em outro lugar. Aqui, no quarto 807 do Hospital da Universidade Americana, em Ain Almiresse, comecei a abrir mão da minha vida, e com alegria. As batidas de coração que me ligavam à minha mãe começaram a diminuir aos poucos, e estava quentinho... ah, tão quentinho... Eu sorri e me enrolei no nosso cordão. De longe, consegui ouvir minha mãe empurrar, ofegante, e então batidas na minha cabeça. Cada vez mais alto. Era o que eu queria, ir embora com estilo. Aqui, entre as paredes verde-pastel do hospital, onde a maioria das pessoas de Beirute começa e termina sua vida. Câncer. Ferimentos de guerra. Gripe. Silêncio. O silêncio é uma doença que afeta profundamente a geração dos meus pais. Foram eles que cresceram com as bombas. Preferem o álcool à sobriedade. E o silêncio à realidade. Quem pode culpá-los?

Nada mais a dizer. Em silêncio, eu morreria. A quietude, o fim. O nascimento do universo foi absolutamente silencioso; tudo que veio depois foi caos e barulho, o início da nossa morte.

No dia em que eu nasci, o Grande Muro caiu. Dizem que eu nasci roxa e sem pulso. Minha mãe, Soraya, gritava de medo enquanto as enfermeiras tentavam de tudo para que eu respirasse. Bateram nas minhas costas. Deram-me tapinhas nas nádegas. Viraram-me para cima e para baixo. Sacudiram-me para frente e para trás. Eu não dizia nada. Não chorava nem respirava. Vi tudo isso enquanto minha alma ia subindo para começar sua viagem para a outra vida.

Num ato repentino de desespero, uma enfermeira baixinha e corpulenta, de cabelo preto, voou sobre o aparelho de rádio que minha mãe havia acabado de sintonizar na Rádio Liban, 96,2 fm. Meu pai, Rida, um dj local, tinha planejado tocar uns discos por causa do meu nascimento. Ele e minha mãe estariam juntos através das músicas. A seleção era um mix de Al Green, Led Zeppelin e Ziad Rahbani. Ele acreditava que Al me ajudaria a sair pelo canal de parto da minha mãe, enchendo meu coração de amor e fé. Zeppelin me ajudaria a irromper por entre os lábios, preparando-me para a vida e me dando motivação e coragem para buscar beleza numa galáxia de dor. Ziad estaria lá para quando eu tomasse meu primeiro fôlego, para me ajudar a aceitar tudo o que há de errado e entender tudo o que deve ser mudado. Ziad também forneceria o senso de humor e a ironia para que eu risse na cara da morte, algo que adoramos fazer aqui em Beirute. Morte. Parece que era à morte que eu estava destinada. Eu saí roxa, e nem Al nem Jimmy Page puderam me ajudar. E Ziad... ele será a última pessoa em Beirute. Sobreviverá a todas as guerras: civis, ideológicas, familiares... Até o dia em que o mundo acabar, Ziad estará aqui, com um cigarro pendurado nos lábios rachados, um uísque na mão e alguma coisa relevante para dizer. Conforme eu me contorcía ainda mais apertada pelo cordão, minha última ligação com minha mãe começou a se esvaír, e as palavras de Ziad foram a última coisa que eu ouvi. Morri roxa, com um sorriso no rosto. E depois comecei a flutuar...

“Ismaa, ismaa ya Rida...”

Meu pai, Rida, imerso que estava em seus pensamentos, não imaginou que eu poderia nascer mulher. E que apenas a voz de uma mulher me convenceria a abraçar esta nova vida. A enfermeira de cabelo preto — sem conseguir segurar as lágrimas, os medos, a ansiedade e o estômago estufado pelo iogurte do café da manhã — tropeçou e esbarrou no radinho bem na hora em que a

voz do meu pai anunciava ansiosamente a próxima canção. Eu não consegui entender bem o nome dela no crachá enquanto flutuava cada vez mais alto. O traseiro redondo e bem modelado da *Olá, meu nome é Rima* atingiu o sintonizador do rádio, interrompendo o sinal. Meus pais tinham passado semanas pensando na música que me receberia no mundo. Românticos que são, pediram ao médico que não lhes revelasse meu gênero. Minha tia, uma mulher mais velha que nunca se casou, tinha certeza de que eu seria um menino. Ela alegava que meninos faziam a mãe ter desejo de sal; e meninas, de doce. Soraya só comia limão na gravidez. Polvilhados com sal e cominho. Na água. Com manga. Fazia conserva em azeite. Colocava no chá e na sopa de lentilha. Azedo. Ela tinha era desejo de azedo. Minha mãe pediu que meu pai tocasse Ella, Nina, Patti e Alanis. Ela acreditava que eram todas mulheres virtuosas que me trariam ao mundo com força e coragem. Estava convencida de que Patti Smith era a encarnação de Asmahan e que Alanis era Umm Kulthum. Assim, iam fazer a ponte entre o Oriente e o Ocidente, dando-me o melhor dos dois mundos.

Vejo os dois chorando agora; gostaria de abraçá-los e dizer que tudo vai ficar bem. Que eles terão outra chance, talvez. Minha mãe, sozinha. Meu pai, curvado sobre o seu vinil. Quem vai contar pra ele? Ele parece tão pequeno agora. Quero abraçá-lo.

Saí do hospital e sobrevoei Ain Almiresse. Dá para ver o Mar Mediterrâneo daqui. Totalmente azul e bonito. Decidi seguir pelos grandes degraus de concreto que ligam a rua John Kennedy ao mar lá embaixo. Recentemente, os degraus se tornaram um santuário do grafite. Nos últimos anos, a juventude de Beirute decidiu se expressar por meio dos muros; de slogans políticos a direitos dos gays, tudo pinta as ruas dessa região da cidade. *Haifa para presidente! Liberdade! Lésbicas unidas!* O exato limite do campus da Universidade Americana de Beirute fica à esquerda da escadaria, ladeada por tijolos amarelos envelhecidos. Do lado direito há um terreno baldio assolado por gatos de rua, fios elétricos, arbustos e erva daninha, tudo misturado. Daqui, também dá para ver o

quarteirão do hotel — o Holiday Inn, mais especificamente. Durante a guerra civil, as milícias disputaram o controle desses hotéis porque eram os prédios mais altos de Beirute na época. Os hotéis foram estratégicos; qualquer coisa ou pessoa poderiam ser alvejadas ou arremessadas dali de cima. O Holiday Inn, um edifício alto que domina a cidade, é o único hotel ainda de pé, e está todo perfurado por tiros. Pedacos grandes da fachada foram explodidos por lança-granadas, tanques e morteiros. Totalmente esvaziada, com balcões bem alinhados, essa peça arquitetônica intimidante é um tributo ao passado, com cicatrizes de guerra infligidas pelo horror da artilharia. Um pouco à direita fica a Torre Murr, que é ainda mais alta que o Holiday Inn. A Torre Murr nunca foi terminada, e seu esqueleto soturno e imponente paira sobre todo o centro de Beirute como um sentinela fantasmagórico. Dizem que nenhum prédio foi derrubado porque eles são grandes e difíceis demais de remover. Custaria milhões, e ninguém está preparado para um compromisso como esse. Fico feliz por vê-los entre os prédios novos de vidro e aço. Prova física das atrocidades que um dia cometemos. Para mim, são belos memoriais. Não devemos esquecer o que fizemos uns aos outros. Dizem que o mundo começou em Beirute. Também dizem que o mundo acabará em Beirute.

Parei um minuto, deslizei pelos degraus de concreto e deparei com Naila subindo afobada. Imagino que ela esteja indo ver Soraya. Naila, que agora tem quarenta e poucos anos, passou por um divórcio há uma década mais ou menos. O marido não aguentou ficar casado com ela e a despachou em menos de um ano. Ela ainda o ama e nunca conseguiu seguir com sua vida. Frequenta assiduamente o Salão Sonia para pintar as unhas e passar o tempo. Hoje ela pintou um arco-íris — uma cor em cada unha; está na moda. Às vezes, Sonia sugere que ela experimente um *glitter* por cima da cor. Nesses dias, Naila se sente especial e acha que pode ajudar a difundir tendências de moda no Líbano. Talvez, um dia, suas unhas apareçam em um comercial ou na capa de uma revista

glamorosa de Beirute. Quem dera elas já não estivessem tão envelhecidas. Há pouco tempo, vira um outdoor anunciando um empréstimo bancário específico para cirurgias plásticas. Talvez fosse a hora de ela finalmente fazer aquela rinoplastia. Talvez, com o nariz perfeito, as pessoas reconhecessem suas unhas perfeitas. Talvez até o seu ex a aceitasse de volta. Ela não passa um dia sem pensar nele.

Demorei-me por um instante e mergulhei em direção a Naila. Para alguém que sofreu tanto, há muita vida aqui. Verdade que ela é preguiçosa; adora dormir até tarde e odeia cozinhar, mas tem uma grande capacidade de amar. Eu me enrolo em torno do coração dela e aperto... enviando sinais pelo seu corpo. Quero dizer para ela que tudo vai ficar bem, mas sei que não vai. Ela não vai encontrar o amor novamente, e seus tornozelos continuarão inchando. Daqui a alguns anos, não conseguirá mais subir estas escadas. Aperto mais forte e ela senta depressa num degrau, achando que está tendo um infarto. Quando afrouxo, ela treme inteira e tem o orgasmo mais incrível de sua vida. Bem ali na escada, ela se abraça forte e grita de alegria e medo. Ela nunca vai sentir algo assim de novo. E nunca vai conseguir compartilhar essa história com ninguém. Mas sempre saberá como ela é especial, e jamais desistirá do amor. Ela vai continuar andando até que seus tornozelos não funcionem mais, subindo e descendo estas escadas, torcendo para reviver esta tarde.

Eu a solto e voou até o jacarandá-roxo acima dela, seguindo minha jornada para a rua Graham. Beirute é mais bonita quando os jacarandás estão floridos. Reflito por um instante sobre como essas árvores existem em Havana e também em Islamabad, e é lindo pensar em como estamos todos interligados. Humanos precisam de passaporte para viajar, mas árvores só precisam de sementes. Deixo Naila escarrapachada na escada, sorrindo e suando profusamente. Naila é irmã de Rida. Só sobraram os dois. Soraya logo me seguirá em um terrível acidente. No dia em que nosso presidente da Câmara for assassinado, Soraya passará pelo Café

Uncle Dik no calçadão, exatamente às 3h15 da tarde, quando o equivalente a duas toneladas de tnt será detonado. Não encontrarão seu corpo, pois ele será desintegrado por completo. Jamais saberão que ela estava grávida de novo. O que encontrarão, contudo, será o pé esquerdo de seu sapato. O da palmilha rosa. Em Beirute, gente explode gente como se fosse rotina.

Percebi que não estou pronta para ir embora. Gosto daqui... Não, eu amo aqui. Quero ficar, mas sei que não deveria estar aqui agora. O Grande Muro caiu e preciso estar lá em breve. Mas quero ficar — em Beirute. Dizem que em Beirute você vive como se não houvesse amanhã. Todos os dias são muito intensos. Muito extremos. Aqui as pessoas trabalham, discutem, dirigem, dançam, bebem e até fazem amor como se fosse seu último dia na terra. Quando você flerta com a morte o tempo todo, aprende a apreciar a vida. Aprende a improvisar jantares à luz de velas, porque acabaram de cortar a eletricidade de novo. Você planta gardêneas e jasmims para cobrir os buracos dos tiros nos prédios. Você se torna criativo com naturalidade, porque absolutamente nada está garantido e nenhum dia é igual ao anterior.

Já descí metade da rua Graham e parei para observar os pescadores que entram no porto. À medida que eles descarregam as sardinhas e os salmonetes que pescaram à noite em seus barquinhos de madeira, eu me deslumbro com o quanto esse pequeno porto sobreviveu tanto à guerra civil como ao processo descomunal de reconstrução. Prostitutas, pescadores, arranha-céus novinhos e as mimosas encontraram um jeito de coexistir aqui em Ain Almiresse. Mas há também os drusos, uma comunidade religiosa monoteísta secreta que acredita em reencarnação. Na fé drusa não é permitido o proselitismo, e druso só se casa com druso. Ninguém entra e ninguém sai. Essa comunidade coesa se manteve forte durante séculos, resistindo a ocupações, guerras e até tsunamis. Rida e Naila nasceram drusos. A família deles, os Assef, é uma das mais antigas de Ain Almiresse, assim como os Oud, os Ghawi, os Sleit, os Rawda, os Hischi e os Dik.

Dizem que os drusos se mudaram para esta região do Líbano há um século, quando a abençoada Sitt Almiresse vivia aqui. Eles se juntaram em torno dela para proteger seus ensinamentos e sabedoria. Quando ela morreu, construíram-lhe um santuário, que existe até hoje. Ain Almiresse significa literalmente “a fonte d’água de Mreisseh”.

Como muçulmana, Soraya nunca foi totalmente aceita na família de Rida. Os Assef estavam a um passo de renegá-lo, mas seus tios abrandaram um pouco com a notícia da gravidez de Soraya. Agora o que eles vão pensar? Provavelmente Naila vai ter que lhes dar a notícia. Eu me viro e vejo que ela continua sentada nos degraus, a cabeça apoiada nos braços, que abraçam os joelhos. Parece estar chorando. Os drusos alegam que a fé deles tem mais de décadas de milhares de anos. Testes recentes de dna descobriram que nas vilas drusas há uma frequência e uma diversidade surpreendentemente altas de haplogrupo X, um dna mitocondrial humano (mtdna). O haplogrupo X era predominante na composição genética das pessoas que viveram há trinta mil anos. Quero ir embora daqui agora. Aqui a tradição pesa e, por causa dela, Naila nunca se casará novamente. Ela jamais vai conhecer seu príncipe druso e nunca terá forças para fazer o que seu irmão fez. Eu me pergunto se vão colocar a culpa da minha morte na união não abençoada de Soraya e Rida. Quero ir embora agora. Quero mesmo.

Pairei até a zona leste de Ain Almiresse, em direção aos hotéis, bares e prostíbulos. Bem abaixo, fica a infame rua Zaytuni, agora chamada rua Fenícia, cheia de casas noturnas. Le Royale, Rock Inn e Club 70 foram pontos badalados nos anos 1960 e 1970, mas se rebaixaram a puteiros durante a guerra civil. Como tecnicamente a prostituição é ilegal no Líbano, os cafetões são muito criativos na hora de lucrar à custa das profissionais do sexo. Eles manipulam o sistema: as prostitutas, principalmente da Síria e do Leste Europeu, entram no país com visto de trabalho de entretenimento. Elas vêm como “artistas” e “dançarinas”. Dançam em “superbaladas” como a Excellence, aqui nesta rua, ou na Excalibur e na Cobra, em

Mameltein, na periferia de Beirute. Ao entrar, você compra uma garrafa de uísque ou de champanhe que custa cerca de cem dólares. Uma garota vai te abordar e, se você gostar dela, compra uma garrafa para ela também — mais cem dólares. Você pode passar a noite inteira conversando com ela e, se gostar de você de verdade, ela vai te deixar dar uns beijos e brincar um pouquinho. Até as cinco da manhã, você tem que sair da boate. Se a garota topa te ver de novo, você pode voltar para pegá-la no dia seguinte lá pela uma da tarde e passar o dia todo com ela no seu apartamento ou num hotel. Se você não vai para casa com elas na mesma noite, a prática da prostituição não se configura. Como, tecnicamente, trata-se do dia seguinte, você está num encontro — pago com mais uns cem dólares.

Agora estou no leste, e já me sinto mais leve, até que me ocorre um pensamento: quero achar o Club 70, onde Rida e Soraya se conheceram, durante um breve período de euforia depois da guerra, nos anos 1990. Parei bem em frente ao Holiday Inn e um calafrio percorreu meu corpo. Tantas pessoas morreram aqui... Passo os dedos pela fachada do vigésimo segundo andar. Ainda há manchas de sangue lá dentro da estrutura vazia. Ainda há grafite nas paredes — emblemas das milícias e slogans. Sinto cheiro de carne queimada. Vejo cápsulas de bala. Cacos de vidro espalhados pelo chão. Manchas. Excremento. Cabelo. Olho para baixo, e as pessoas andam e dirigem seus carros, indiferentes à bagunça daqui de cima. É estranho pensar que todos os dias olhamos para esse prédio sem nos darmos conta do que ainda existe aqui dentro. São gigantes adormecidos; há feras hibernando em suas entranhas. Agora quero descer. Vejo a rua Fenícia lá embaixo. Lá está o Club 70, bem em frente ao lava-jato Me Lave. Eu me empoleiro no alto de uma pequena réplica de um Fiat 500, pendurada na entrada do lava-jato. Hoje só homens frequentam o Club 70, sobretudo turistas querendo transar. Mas nos anos 1970, este era “o” lugar. Não era tão grande quanto a Cave de Roi ou o Le Grenier, ao lado, onde celebridades do mundo inteiro, como Brigitte Bardot, vinham fazer

festa. O Club 70 atraía o público mais jovem que estava descobrindo discoteca, boca de sino, laquê e poliéster. Durante a guerra civil, Ain Almiresse se tornou a fronteira entre as zonas leste e oeste de Beirute, e foi aqui que milícias e prostitutas se estabeleceram e começaram a prosperar. Depois da guerra civil, o Club 70 fechou por um tempo e reabriu em meados dos anos 1990, na esperança de reviver sua melhor época. Ainda durou alguns anos até recair nos velhos costumes. Rida e Soraya se conheceram nesse período de retomada.

Você não acreditaria se eu dissesse que foi amor à primeira vista. Rida era o dj naquela noite, e, tão logo Soraya atravessou a porta, ele soube que passaria o resto da vida com ela. No clima do passado glorioso do Club 70, Soraya usava um vestido prata que cintilava como um globo de discoteca. Para onde quer que ela se virasse, estava cercada de luz. Saad Addin Alabyad (que significa “o branco”), amigo de Rida, também a notou e imediatamente foi dançar com ela. Saad Addin era um tipo vadio que já infringira a lei inúmeras vezes. Seu apelido *Alabyad* era porque sempre vestia linho branco e sapato branco de couro de cobra — embora estivesse longe de ser uma pessoa ruim.

Rida soube que deveria agir depressa. Pegou seu disco novo do Cypress Hill e pôs “Insane in the Brain” para tocar. A multidão rugiu, começou a pular e a bater cabeça. Soraya foi lançada para um canto e, nesse momento, Rida lhe estendeu a mão, e os olhos deles se encontraram pela primeira vez. Enquanto se levantava, Soraya torceu para que Rida não a soltasse. Na verdade, torceu para que ele *nunca mais* a soltasse. Ele não soltou. Puxou-a para o palco do dj e eles tocaram os discos juntos pelo resto da noite. Às quatro da manhã, estavam completamente apaixonados, e isso era tão óbvio que até Saad Addin aceitou. Lá estavam os três virando doses e mais doses de vodca com suco de limão e tabasco.

Naquela noite, tudo parecia possível. Esperança. Liberdade. Renascimento. Imortalidade. Meu coração está aquecido de calor. É muito difícil aceitar que podemos ser tão generosos, mas também tão violentos uns com os outros. O Club 70 é uma representação microcós mica desta cidade. Essas paredes viram de tudo: do amor ao sangue. Durante as calmarias da guerra, maiores ou menores, dançar era o que reunia as pessoas aqui. Com a música, as diferenças e as religiões ficam esquecidas. Corpos roçam em outros corpos e se tornam carne sem histórias cruéis. Agora eu também acredito que tudo é possível.

Hoje, o Grande Muro caiu, e eu estou atrasada. Já tinha que estar lá agora. Hoje começa uma nova era nesta parte do mundo. Hoje caiu o Grande Muro que os israelenses construíram no centro da Terra Sagrada. Ninguém sabe como nem por quê. O Muro do Apartheid que separa o West Bank e Gaza de Israel, com setecentos quilômetros de comprimento e oito metros de altura, simplesmente sumiu. O maior banner de concreto, cheio de protestos, coberto por várias camadas de escritos e grafite, não existe mais. Não há mais o que protestar. As cercas também sumiram. Assim como as barricadas nas ruas, os *checkpoints* e as torres de vigia. As notícias estão começando a se espalhar. Alguns estão em pânico, outros em júbilo. A maioria está chamando de intervenção divina e alguns, de invasão alienígena. Soraya não teve a chance de me conhecer porque estou a caminho do Monte Carmelo. Serei da nova geração de palestinos e israelenses que se unirão e farão a paz de uma vez por todas. Estou muito contente por me sentir tão necessária.

À medida que subo para o céu, começo a conjurar os mortos ao meu redor. Os mortos que nunca tiveram velórios dignos durante as guerras, cujos corpos foram deixados para apodrecer, cujas almas foram condenadas a vagar pelas ruas, confusas, bravas e amarguradas. Convoco os que estão nas valas coletivas daqui, da

Síria e do Iraque. Estou formando o exército da inocência esquecida. Agora é a nossa vez. É a hora de viver de um jeito novo. Não será fácil, mas vai acontecer. Chega de assassinatos. Chega de bombas. Chega de fronteiras. Haverá recursos suficientes. A terra será compartilhada.

Paio sobre o parapeito de metal azul do calçadão, olhando o mar pela última vez. Soraya está devastada e Rida já recebeu a notícia. Ele está correndo para ela no meio do trânsito absurdo de Beirute, buzinando sem parar. Um trânsito imóvel. Ele sai do carro no meio da rua Hamra e começa a correr, metendo-se pelos caminhos estreitos ladeados pelas delicadas mimosas. Eles vão ficar bem. Vão melhorar. Pelo menos por algum tempo. Até a merda ser jogada no ventilador de novo. Mas acho que a vida é isso. Pelo menos no Líbano. Uma bomba atrás da outra. Bombas de vida. Bombas de amor. E bombas que são bombas mesmo. Mas somos persistentes. Porque queremos acreditar em segunda chance. Talvez ela tenha acabado de chegar.

Viro e dou adeus a Ain Almiresse e às gerações da minha família que viveram lá. Paro um instante e não escuto a voz de Rida em lugar nenhum. *Se algum dia eu entrasse em um prédio e não soubesse para que lado ir, eu iria para a esquerda. Se estivesse perdido em uma floresta e chegasse a uma encruzilhada, eu iria para a esquerda. Esquerda. Para a esquerda é sempre a resposta. A esquerda é sempre uma boa escolha.*

Agora a esquerda parece uma boa ideia. Estico meus braços e abraço o calçadão. Viro para a esquerda e sigo em direção ao sul pela costa espetacular do Mediterrâneo. Hoje, ao redor do mundo, as fronteiras deixarão de existir. Meu novo exército é guiado pelo amor. E nada pode deter o amor. Logo, nada pode me deter. Já estou quase vendo Jerusalém.

* Conto escrito originalmente em inglês.

DELIVERY DE PIZZA
BANA BAYDUN
Manara

“S

erá que isso é possível? O braço de uma pessoa continuar esticado depois da morte, apontando para o céu... Ou estou imaginando coisas?”, ela perguntou a seu amigo Mark, o médico.

Ele disse que, de acordo com a Medicina, era impossível, mas acrescentou que sempre havia uma chance de que as coisas saíssem do curso previsto pela ciência. Contudo, era algo tão raro, a ponto de ser quase uma mera hipótese, à qual não se podia atribuir uma alta probabilidade — como a chance de ser atingida por um raio enquanto se atravessava a rua. Qual era o nome daquele livro que ela sempre pegava emprestado na biblioteca da escola, *Estranhezas e maravilhas ao redor do mundo...* ou algo parecido com isso? Em um dos volumes havia a imagem de uma pessoa queimada ou “carbonizada”, como o livro dizia, logo depois de ser atingida por um raio quando estava sentada na varanda de casa. Ler isso a deixou perdida em pensamentos por um bom tempo. Ela não sabia dizer exatamente se aquilo era uma coisa em que se podia acreditar ou não, e essa dúvida a pôs em um estado de enorme confusão, pois era muito importante para ela — sobretudo naquela idade — que houvesse respostas claras e exatas para tudo.

Talvez era uma palavra difícil para ela — até mesmo dolorosa —, e ainda hoje é. *Talvez* significa que tudo pode acontecer; ou o contrário. Para ela, *talvez* era como um grande zero prestes a explodir na sua cara a qualquer momento; como um ovo gigante que pode conter um dinossauro selvagem ou estar simplesmente vazio. Não sabia qual possibilidade seria a pior. Enfim, às vezes, até fatos comprovados pela ciência são inacreditáveis. Lembrou-se de quando a professora de matemática lhe disse que se um número

negativo é antecedido por um sinal de menos, ele vira positivo (- com - = +). Ela nunca acreditou nisso. Como poderiam dois negativos dar origem a um positivo? Quando perguntou sobre isso à professora naquele dia, ela ouviu: “Porque é assim que é”. No fim, foi forçada a aceitar a contragosto esse fato ridículo, só para não ser reprovada. Mas, depois, ela voltava à equação sempre que não encontrava um motivo convincente para explicar sua própria estupidez recorrente. Essa equação poderia ser a explicação perfeita de seu amor por Khaled, por exemplo, embora isso só lhe tivesse trazido problemas até agora — sem dúvida, todos os negativos dele devem ter resultado em algo positivo no coração dela.

Voltando à pergunta que a preocupava: será que a garotinha da chacina de Cana tinha morrido com a mão esticada para o céu, como ela imaginou ter visto na televisão? Para o que ela estava apontando? Para alguma coisa no céu que tinha chamado sua atenção, talvez o mesmo avião que soltou a bomba em cima dela? Ou esse detalhe não passava de um complemento estranho de sua própria imaginação à verdadeira cena da chacina? Ela leu em algum lugar que, de vez em quando, a imaginação é capaz de recriar a realidade de acordo com a imagem que temos dela. Por exemplo, quando vemos uma criança de longe, na maioria das vezes achamos que ela está sorrindo para nós, ainda que não possamos discernir bem suas feições. Mas isso só porque, na nossa imaginação, vemos as crianças sempre sorrindo e, mais especificamente, sempre vivas.

Maya acordou de repente de seu monólogo interno, viu dois olhos pretos encarando-a e gritou de medo, dando um pulo para trás. O rapaz dos olhos pretos não se mexeu, mas olhou para ela por alguns instantes, claramente desgostoso, depois se virou e seguiu seu caminho. Ela levou um tempo para se recompor e retomar sua caminhada. Não era a primeira vez que isso acontecia. Ela estava

acostumada a sonhar acordada e se perder em pensamentos enquanto caminhava. Às vezes, os passantes esbarravam nela sem querer; ela pulava de susto e demorava um pouco para se recuperar, como se precisasse se replantar no espaço geográfico em que estava.

Seguiu seu caminho sonhando acordada de novo, refletindo sobre a mecânica do sonhar acordada e como o corpo continua em movimento por conta própria, como se estivesse totalmente desvinculado de seu dono. Sempre lhe acontecia, por exemplo, de estar em um bar e se ver despertada de um desses sonhos estranhos por algum homem sorrindo para ela numa mesa em frente, por pensar que ela estava olhando para ele. Sem dúvida, ela se saía melhor na sedução sonhando do que acordada. Esse pensamento engraçado a encantou. Debruçou-se para pegar uma das violetas que cresciam na calçada ao redor do parque Sanaya, pelo qual sempre passava a caminho do bar de Abbu Wadiya, em Hamra, onde, recentemente, se acostumara a passar as noites.

As violetas pareciam cinza-escuro naquela noite, ensombrecidas pela escuridão que cobrira Beirute depois que os caças israelenses se dedicaram, como sempre, a bombardear a Companhia Elétrica do Líbano. Ela se lembrou de um ataque anterior de Israel ao país, quando precisou ficar agachada a noite toda, sozinha no escuro. Daquela vez só tinha catorze anos e não pôde fechar os olhos até de manhã, até poder se ver e ter certeza de que todas as partes de seu corpo estavam lá. Ali no escuro, ela foi perdendo toda a sensibilidade nas extremidades do corpo. De vez em quando, se tocava para ter certeza de que estava tudo no lugar, mas era impossível alcançar todas as partes do corpo somente com as mãos. Mesmo quando se enrolava como uma bola, sempre uma de suas extremidades ficava fora do seu alcance, vagando sozinha na escuridão e se transformando aos poucos em uma figura estranha. De repente sua mão virou uma espiral; outra hora, ficou esticada como uma régua e, depois, caiu leve como um algodão fofo. Os barulhos do bombardeio ressoaram a noite inteira, mas não foram

eles que a deixaram ansiosa, e sim a ideia de morrer aprisionada no corpo da escuridão, antes que a luz viesse para separar os dois corpos. Desde a infância, a luz fora sua melhor amiga. Silenciosa, quente, por algum motivo sempre sentiu que ela a amava — e ainda ama — e que era a única que via o que habitava dentro dela. Soltou a violeta, como de costume, e continuou andando. Ela não sabia por que era tão difícil se lembrar das coisas.

Se esquecesse que estava com uma flor na mão, sabia que a flor seria sufocada lentamente, roídas suas extremidades, espremida e esmagada até perder a cor por completo. Ela fazia isso sem intenção, ocupada com alguma ideia na cabeça, e então, de repente, perceberia o que tinha feito e ficaria triste como uma criancinha. Essa situação não se restringia às flores, acontecia com quase tudo, fosse importante ou trivial. Depois desse devaneio, ela se lembrou do anel que Khaled lhe dera antes de viajar. Olhou o dedo, procurou o anel e não o encontrou. Devia tê-lo esquecido de novo na pia de casa, embora não devesse ficar tirando o anel, porque ele era de ouro e não seria danificado por água e sabão, como sua amiga dissera. Mesmo assim, continuou tirando o anel, porque continuou imaginando que havia algo grudado nele. Ela não queria perder o anel nem os outros presentes que as pessoas lhe deram ao longo dos anos; nem mesmo Khaled sabia de seu esforço diário para preservar esse presente, o qual às vezes parecia mais um ônus ou um fardo pesado. Khaled não era como ela; ele guardava tudo, até mesmo as coisas mais insignificantes. Sua casa era um estranho museu onde ele reunia lembranças de cada pessoa que tinha passado por sua vida. Um dia, ela abriu uma gavetinha próxima à cama dele e achou algumas coisas dela ali, coisas que havia até esquecido que tinha: um pequeno elástico vermelho de cabelo, uma pulseira de couro, o pôster de uma peça que ela havia dirigido fazia tempo e pedacinhos de papel com uns rabiscos e palavras incompreensíveis. Não entendeu por que ele tinha guardado todas aquelas coisas e, quando lhe perguntou, a resposta a deixou ainda mais perplexa:

Maya:

“Khaled, que coisas são essas?”

Khaled:

“É tudo seu. O elástico de cabelo você esqueceu na pia do banheiro na primeira vez em que dormiu na minha casa; o pôster é de quando nos conhecemos, você o estava pendurando na parede, em Hamra, e eu ajudei, lembra?”

Maya:

“Sim; do pôster eu lembro. Do elástico, não mesmo. Achei que fosse na segunda vez, quando vim aqui brigar com você.”

Khaled:

“Sabe... eu salvei todas as nossas conversas do Facebook em um arquivo especial no meu computador, junto com todas as nossas mensagens de telefone desde que nos conhecemos até agora.”

Maya:

“Por quê?”

Khaled:

“Tenho medo de perder o telefone ou de me roubarem, sei lá...”

Ela lembrou de ter se sentido feliz naquela época e também de ter ficado constrangida por não se recordar de todos os detalhes que ele tinha mencionado, e se perguntou se aquilo queria dizer que ela não o amava o suficiente. Entretanto, sua felicidade não durou muito, porque, dias depois, ela abriu uma segunda gaveta por acaso e descobriu que ele guardava lembrancinhas de sua ex-namorada Nisrin, arrumadas com o mesmo capricho e zelo que tinha com as coisas dela.

Ela parou um pouco para tentar ouvir os sons vindos do parque Sanaya, de dentro das barracas brancas das pessoas desalojadas que tinham fugido dos bombardeios israelenses nos subúrbios e no sul. Lembrou de seu amigo Majid, que naquela manhã dissera, brincando, que Xanax e camisinhas estavam no topo da lista de pedidos dos desalojados. Ela não soube por que não achou aquilo engraçado, e sim doloroso. Lembrou de um pesadelo recorrente em que ela está no meio da rua de pijama, ou de um em que ela acorda

assustada e cercada por estranhos em seu quarto — aquela sensação aterrorizante de que sua vida privada se tornou pública. Sua resposta a Majid foi perguntar se ele tinha parado de fazer sexo desde que a guerra começara. Ele pareceu constrangido pela pergunta e respondeu que não.

Certa vez, quando ainda estava na faculdade, ela e seu amigo Rami pularam o muro escondidos e se infiltraram no parque à noite. Lembrou-se do quanto tinha ficado feliz de se esticar na grama úmida e de como teria ficado ainda mais feliz se Rami — de quem ela já não gostava muito — não tivesse tentado dar em cima dela o tempo todo. Pelo jeito, não fora a grama que o atraíra; ela não sentia atração por ele e tinha ido lá apenas pela empolgação de se infiltrar no parque. Ela pensou em se infiltrar, ir até uma barraca que não conhecia e se deitar ali. Qualquer lugar era melhor do que voltar para casa, onde ela não encontraria Khaled. Não sabia por que se sentia tranquila em todos os lugares, menos em sua casa. Talvez todos os problemas de seu relacionamento com Khaled tivessem começado quando ele se mudou para sua casa e ela não impediu. Afinal, já vivia como se fosse uma visita em sua própria casa. Por que ele fez aquilo com ela? Enraizou-se em todos os mínimos detalhes da vida dela e a distanciou de tudo que se relacionasse à vida dele. Ele desistiu de sua vida para viver a dela e depois desistiu de sua vida e da dela, e foi viver outra vida.

Na época, ele sonhava simplesmente em deixar tudo e viajar para longe, sem rumo. Ela não sabia por que não entendia esse sonho dele. Talvez porque sua sensação de pertencimento não a oprimia da mesma forma que a Khaled. Talvez porque ela estava fundamentalmente perdida; decerto era por isso que conseguia explorar os mesmos lugares várias vezes sem se sentir exausta nem entediada. Lembrou de ter lido em algum lugar que peixes perdem a memória a cada cinco minutos e por isso nadam alegremente em lagos pequenos. Eles esquecem onde estão a cada cinco minutos e voltam a nadar em círculos, descobrindo o mesmo lugar de novo. Até agora ela não tinha encontrado uma teoria melhor para

explicar o grande amor que ela sentia por andar em torno dos mesmos círculos vazios.

Como de costume, a voz do policial parado em frente ao muro do Ministério do Interior, próximo ao parque Sanaya, despertou-a de seus sonhos. Ele sempre dava em cima dela:

“Bonsoir, mademoiselle.”

Como de costume, ela não respondeu; continuou caminhando em direção a Hamra, ouvindo-o bater papo com um colega. Esse comportamento do policial não a incomodava; de certa forma, até a tranquilizava. Com aquela repetição estúpida, ela sentia como se a vida continuasse, apesar da guerra e do estado de emergência que seguiam vivos em sua cabeça. Porém, queria entender que tipo de prazer ele sentia ao dizer aquela frase, porque parecia feliz sempre que a pronunciava. Poderia ser o simples prazer de repeti-la e de antecipar o que viria; ele sabia que ela não ia responder, e ela sabia que ele sempre diria a mesma frase. Como o prazer de assistir à cena de um filme que já vimos. Uma sensação de controle, como uma capacidade premonitória.

Ela parou de ouvir os sons do bombardeio, cujo ritmo se mantivera constante por duas horas — estranho como as pessoas se acostumam a qualquer som quando precisam. O subúrbio, que fora bombardeado durante o ataque, ficava a quinze minutos de carro de onde ela estava, mas naquele momento parecia muito distante, como Khaled. Ela se lembrou da primeira conversa deles por telefone quando ele chegou ao Canadá. Ele contou sobre muitas coisas que tinha visto: o homem esquisito que o parou na estação de trem para perguntar se poderia ficar na casa dele aquela noite, pois alienígenas tinham invadido sua casa. Contou-lhe como a neve estava linda naquela manhã. Ela, porém, não prestava muita atenção naquilo tudo. Escutava outro som, diminuto, entre uma palavra e outra, como aquele breve silêncio entre uma bomba e outra que caíam no subúrbio.

Eles vão publicar o número de mortes no jornal, mas não vão dizer quantos morreram entre um silêncio e outro. Estranho como naquele exato momento ela se sentiu como se realmente pertencesse àquele país. Ainda mais estranho foi Khaled ter partido bem na hora em que a guerra foi deflagrada. Naquela noite, ela dormiu querendo que o mundo acabasse e acordou na manhã seguinte com o mundo de fato sendo destruído. Desde então, sentia uma culpa esquisita, como se ela causasse tudo aquilo.

“Bsssstttt.”

Ela estava na metade do caminho para o bar de Abbu Wadiya, quando ouviu uma voz que reconheceu imediatamente. Surpreendeu-se; seria o mesmo homem de novo?

“Bsssssssssssssst.”

Ao segundo “bst”, não teve a menor dúvida de que era o “bst” que ela conhecia tão bem e ao qual estava decidida a nunca responder. Porém, só daquela vez, virou-se para tirar a dúvida. Sim, era o mesmo homem que gostava de se exhibir para ela; ele sempre se escondia em algum lugar, atrás de um carro, no meio do caminho para o bar de Abbu Wadiya, esperando uma jovem passar para chamá-la: “Bssssssst”. Assim que ela se virava, ele abaixava a calça.

Ela se virou depressa e continuou andando, morrendo de rir. Não esperava vê-lo naquele fim de tarde, mas parecia que nem mesmo a guerra impediria aquele homem de prosseguir com seu incompreensível hábito de mostrar o pênis aos passantes.

Lembrou-se da reação histérica de Miriam quando as duas estavam juntas e o homem fez “bsbs” para elas e depois se exibiu. Não sabia por que, mas aquele homem não a assustava, só a fazia rir. Talvez a loucura fosse uma reação mais apropriada à vida — as pessoas racionais eram as que mais a assustavam, como Khaled e seu refinamento ilimitado. Ela nunca o viu fazer alguma coisa errada ou se comportar de maneira inadequada. Até quando bebia,

ele tinha pleno controle de sua consciência social. Na verdade, somente quando estava bêbado ele se parecia com ela totalmente sóbria.

Chegou ao Abbu Wadiya e o lugar estava vazio, exceto pelo barman Alaa e por um freguês, um homem corcunda sentado na ponta do balcão. Por algum motivo, esse cliente a deixou curiosa; ela não conseguia definir se ele era mesmo corcunda ou se era apenas o jeito como estava sentado. O corpo dele parecia muito pesado, como se a qualquer momento fosse desabar sobre a mesa ou sobre o copo. Ela se lembrou da conversa estranha que tivera com Khaled sobre *A insustentável leveza do ser*, de Kundera, na primeira vez em que se encontraram, e de como ele se matou de rir quando ela falou da sua interpretação sobre os estados de tristeza e seus significados para as pessoas segundo a lei da gravidade. Não havia dúvida de que a gravidade afetava algumas pessoas mais do que outras e, por causa disso, elas experimentavam uma sensação contínua de pesar, a qual associavam com tristeza e luto, ao passo que a gravidade pesava menos para outras pessoas, que se sentiam mais leves e, portanto, mais felizes que as demais. Os dois tinham conversado sobre isso sentados à mesa pela qual ela havia acabado de passar. Ela corria a mão lentamente sobre a mesa de madeira, como se para se certificar de que ainda estava firme. Com frequência, quando a dor vinha saudá-la, ela gostava de tocar as coisas à sua volta. Por algum tempo, sempre que acordava de manhã tomada pela consciência amarga de que Khaled a deixara, ela encostava a mão na parede fria e a mantinha um pouco ali. Por alguma razão, isso a acalmava.

Pediu uma cerveja Almaza e foi se sentar sozinha a uma pequena mesa de canto. Não lembrava de já ter estado nessa mesa com Khaled. Normalmente ela não gostava de se sentar no canto, odiava ficar olhando para a parede. Contudo, desde que Khaled tinha ido embora, ela sentia que sua relação com as paredes havia melhorado.

No dia anterior, ela tivera um sonho estranho cujo protagonista era um sofá. Ele estava dentro de uma casa, mas ela não sabia onde. Viu um sofá cinza no fundo de uma sala de estar e achou que era o mesmo das fotos de sua casa de infância. Ela foi correndo para a sala de entrada em busca de um espelho para se examinar. O sofá cinza a levou de volta a um passado distante, anterior à separação de seus pais, quando o pai se mudou com o irmão dela para outra cidade. Depois da partida deles, sua mãe comprou outro sofá, porque o pai levou o cinza para sua casa nova.

Na lógica dos sonhos, encontrar o sofá significava que ela tinha voltado à infância. Mas ela não encontrou um espelho na sala de entrada. Ficou decepcionada — queria ver seu rosto quando criança. Voltou à sala de estar e não encontrou o sofá cinza lá também. Em seu lugar, havia um sofá de couro preto. Ela o reconheceu e se irritou. Esse sofá era da antiga sala de estar de Khaled. Aproximou-se dele com cautela, tocou-o e sentiu uma coisa úmida na mão, como se fosse suor. Tentou tirar a mão, mas ela ficou presa no couro. Começou a sacudi-la para separar sua pele do couro do sofá, mas não adiantou e ela começou a gritar.

Acordou assustada. Seu pescoço estava molhado de suor e o cabelo todo grudado. Sentiu a mesma irritação que sentira no sonho ao ver o sofá. Enquanto relembrava o sonho, perguntou-se por que seu pai não quisera levar nada além do sofá. A única vez em que ela chorou depois que os pais se separaram foi na manhã em que acordou, foi à sala e não viu o sofá. Sentou-se no chão, no lugar vazio em que ele estivera, apoiou a cabeça nas mãos e começou a chorar. Quando a mãe a viu, não perguntou por que ela estava chorando; apenas se sentou a seu lado, chorando também. Elas não falaram sobre isso, mas, na manhã seguinte, a mãe comprou um sofá novo que tinha todas as cores do mundo — e algumas desconhecidas até então. O olhar de espanto no rosto das visitas era nítido assim que viam aquele sofá inusitado. Mas ela e a mãe estavam muito contentes com seu sofá lindo que não lhes lembrava nada. Era apenas totalmente assombroso.

Ela terminou a cerveja e foi até o balcão pedir um uísque. Desta vez, quando olhou para o homem corcunda que ali estava, achou seu rosto familiar, mas sem ter certeza de realmente o conhecer. Ele lhe sorriu e então ela soube que já o vira antes, mas em algum outro lugar que não no bar de Abbu Wadiya. Era difícil esquecer uma pessoa com um rosto tão estranho: dois olhinhos redondos nos quais ela não via nenhuma expressividade. Percebeu neles familiaridade misturada com um quê de apatia, o que parecia intencional — talvez em busca da compaixão alheia ou de esconder alguma coisa. Um nariz estranho que lembrava uma espiral e dentes igualmente tortos. Em suma, era como se uma tempestade tivesse atingido seu rosto. Apesar disso, era difícil descrevê-lo como *feio*; não porque fosse bonito, mas por ser totalmente fora do comum, como se tivesse sido criado por uma imaginação poderosa e turbulenta. Ela lhe sorriu com cautela enquanto voltava para sua mesa, e ele se virou e pareceu segui-la com os olhos. Ela fixou os olhos na parede em frente, para ignorá-lo.

Olhou o relógio pendurado na parede atrás do balcão; tinha acabado de marcar nove horas, e as pessoas começavam a encher o lugar, como de costume. Ela nunca havia comprado um relógio na vida, e todos os relógios que as pessoas lhe deram ao longo dos anos foram inúteis, não passando de tentativas fracassadas de forçá-la a cumprir seus compromissos. O estranho era que às vezes os relógios paravam de funcionar sozinhos quando ela os colocava no pulso. Sempre interpretou isso como a recusa do próprio tempo em ser reconhecido por ela. Com certeza, era a única explicação lógica para aquele fenômeno esquisito.

Estava prestes a acender um cigarro quando viu Walid vindo em sua direção. Ficou surpresa, porque eles não se falavam fazia um bom tempo — nada além de um “oi” rápido de vez em quando. Walid se aproximou dela e sorriu devagar como costumava fazer.

Walid:

“E aí, como você está?”

Maya:

“Bem. E você?”

Walid:

“Vou pegar uma bebida e já volto. O que você quer, seu uísque de sempre?”

Maya:

“Ainda não terminei o primeiro.”

Ele não respondeu e foi até o balcão. Achou estranho ele dizer “seu uísque de sempre”, como se não tivessem se passado três anos desde que eles estiveram juntos. Ela se lembrou de uma vez em que estava lá com Khaled, e Walid na mesa em frente à deles com sua namorada inglesa. Embora ela não o tivesse cumprimentado, Khaled logo lhe perguntou se eles tinham tido algum relacionamento no passado. Ela estranhou Khaled ter concluído aquilo sozinho. Ele disse que soube logo de cara, pela maneira como Walid a olhava.

Maya:

“O que você quer dizer com ‘como ele me olhava’?”

Khaled:

“Ele olhava como se você fosse dele.”

Maya:

“Mas já passou tanto tempo, e ele agora tem uma namorada. Acho que nem se lembra...”

Khaled:

“Isso não importa. Você não sabe como os homens pensam. Se um homem já esteve com uma mulher a quem ele viu nua uma vez, ele a imagina assim sempre que a vê. Já era. Essa imagem nunca sai da cabeça dele.”

Naquela ocasião, ela se indagou se todos os homens seriam assim de fato ou se tinha sido apenas o ciúme de Khaled que o levava a fantasiar aquilo — embora ele sempre dissesse que os relacionamentos anteriores dela com outros homens não o incomodavam nem um pouco. Entretanto, naquele momento pareceu evidente que ele não aceitava a ideia de que outro homem além dele já a tivesse visto nua. Mas talvez ela estivesse enganada...

Ele já havia provado muitas vezes que conseguia entender os amantes anteriores dela melhor do que ela mesma jamais conseguira.

Walid entregou outro copo de uísque para ela e sentou-se à sua frente na mesa.

Walid:

“Então parece que você está sozinha...”

Maya:

“É, e você também.”

Ela respondeu com o inexplicável sarcasmo que lhe servia de refúgio quando não sabia o que dizer. Os dois riram um pouco, aparentemente sem motivo. Depois ela entendeu que a namorada de Walid tinha ido para a Inglaterra e que ele estava se preparando para ir também. Walid não fora marcante em sua vida e ela não se lembrava de ter sofrido quando terminaram. Ele tinha entrado e saído de sua vida com uma estranha tranquilidade. Quem dera as coisas tivessem sido assim com Khaled também.

De repente se sentiu agradecida a Walid por ele não ter ficado tanto tempo em sua vida. O relacionamento deles não tinha nem dois meses quando acabou por causa de um mal-entendido que nenhum dos dois se preocupou em esclarecer. Dessas relações que terminam antes de se tornar dolorosas, como um aborto. Todavia, com o tempo, fica evidente que esse é o único tipo de relacionamento que consegue manter sua beleza, como uma estrela de cinema que se suicida no auge da fama. Apesar de ele não ter sido muito importante para nós, é a única coisa de que nos lembramos sem sentir dor de fato, como se não fosse algo nosso, e sim roubado da memória de outra pessoa.

Ela se lembrou das palavras de Khaled. Será que Walid estaria imaginando-a nua neste instante? Esse pensamento a fascinou e, mesmo que ele não a estivesse imaginando assim agora, pela maneira como falava parecia óbvio que ele estava decidido a vê-la daquele jeito à noite.

Walid: